



rumores e ruídos

ALTA AJUDA

Resenha é um texto cuja finalidade não se encerra nele mesmo. É texto que aponta para outros. Ou melhor, faz nascer esses outros que, em última instância, são a razão de sua existência. A resenha é uma linguagem grávida portanto. Destina-se a apresentar, aclarar, analisar algum objeto também feito de linguagem, seja ele verbal, visual, cênico.

É tarefa delicada, pois implica uma síntese apresentativa acompanhada de algum juízo de valor que seduza o público leitor e o conduza a querer conhecer do que se fala e a emitir também opinião própria. De certa forma, uma resenha deveria funcionar como uma escada que levasse o leitor a divisar, de lugar privilegiado, o que de perto lhe parece estranho e obscuro. Espero que esta possa lhes ser de alguma valia.

Francisco Bosco é o autor do livro que se intitula “Alta ajuda”. Chico, para os mais íntimos que são muitos, se apresenta como escritor. Apesar das incursões poéticas em livros que prefere chamar de renegados, não se vê mais como poeta, a menos que o seja pelos mesmos critérios com que reconhece em alguns letristas de música a suplementar condição de poetas. Como costuma dizer, a letra só é poesia por uma espécie de “solidão suplementar”, ou seja, quando, sem nunca deixar de ser para a canção, ultrapassa-a e se mantém de pé sem a melodia para a qual foi composta. Chico é, já há algum tempo, importante parceiro das composições de seu pai, João.

Doutor em Teoria Literária pela UFRJ, esse carioca de perfil multifacetado e antenado com seu tempo não é filósofo de formação, talvez nem mesmo de pretensão, mas se dedica metodicamente à tarefa de pensar, e com prazer, como disse Caetano Veloso no lançamento desse seu último livro. Quem já o leu ou o ouviu falar ou vier a fazê-lo, se esta resenha cumprir bem sua função, entenderá o que digo.

Desde “Da Amizade” (2003), um projeto de “pensamento poético” sobre o ato da leitura, Francisco Bosco tem usado a linguagem como forma de se



aproximar do cotidiano. Em “Banalogias”(2007), seus temas se diversificaram e envolveram futebol, gafeira, tatuagem etc. Seus textos se insinuam como crônica, pegam carona nos seus registros, mas, sob a disfarçada leveza, carregam um tenso exercício reflexivo que, longe de legitimar o banal, revela o inusitado e o extraordinário de algumas situações.

Amante da obra do crítico francês Roland Barthes, tendo dedicado a ele sua tese de Doutorado, Chico tem construído com paciência sua própria poética a que seu companheiro de espaço no jornal “O Globo”, Miguel Wisnik, chamou de “alta ajuda”, expressão de imediato acolhida e eleita para nomear seu trabalho de agora.

A capa não deixa margem às dúvidas dos desavisados que, só de ouvido, se deixam enganar pela trapaça sonora do título. As escadas que ornamentam também a vitrine da livraria Travessa de Ipanema, onde o livro foi lançado, nos mostram que, para entender a proposta do autor, é necessário um olhar semiológico. Para devassar os recônditos da alma ou o explícito da realidade, é preciso galgar degraus, buscar outros pontos de vista, olhar através de nossas cegueiras e opacidades. É preciso colocar o pensamento ereto e em vigília.

Nesse sentido, o segundo dos 37 ensaios do livro em questão é fundamental, pois Chico anuncia, em tom categórico, que nunca leu um livro de autoajuda. Na contramão do famigerado “pensamento positivo”, apregoa a força do pensamento negativo, única ferramenta adequada para “ativar os mecanismos dialéticos da existência” presentes nas situações mais críticas e decisivas da vida do sujeito. Para ele, os “mantras do otimismo escapista” podem ser nocivos, ao contrário do que a maioria pensa. Para explicar seu raciocínio, vale-se da trama ficcional de Dois irmãos, de Milton Hatoum.

Em “As drogas e a realidade”, afirma, de saída e de forma provocativa, que as drogas são um problema de saúde privada, pois, ao alterarem os estados de consciência, modificam consequentemente as formas de relação do sujeito com a realidade. Antes de prosseguir, distinguindo-as em dois grupos (as drogas da realidade e as do real), sublinha que todo mundo deveria ter o direito



rumores e ruídos

de alterar a própria consciência e conduzir, sem nunca interferir na liberdade do outro, sua economia pulsional. Nessa direção, discorre sobre o álcool, a cocaína, o LSD, não esquecendo o vinho e haxixe dos paraísos artificiais de Baudelaire.

Para que alcancem a forma como ele percebe sua condição de pensador, recorro aos ensaios “Mau viajante” e “Escrever” em que afirma ser o escritor um espécie de viajante que consagra sua vida aos devires, às alteridades do espírito, a sair de si para “transcender os limites tediosos e neuróticos do eu”. Nesse vigor do pensamento, Francisco Bosco nos é da mais alta ajuda.

